

A era da desinformação e pós-verdade: desafios e estratégias de combate

 Denise Sousa

Denise-iglesias09@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-2918-6590>

ISCAP, Instituto Politécnico do Porto

Resumo

Atualmente, embora vivamos na era da informação, a abundância de conteúdos disponíveis não se traduz necessariamente numa sociedade mais informada. A sobrecarga informativa, a rápida disseminação de conteúdos digitais e a influência dos algoritmos dificultam a distinção entre informação credível e desinformação, favorecendo a emergência de fenómenos como a pós-verdade. Neste contexto, emoções e crenças pessoais tendem a sobrepor-se aos factos verificáveis, contribuindo para o aumento da desconfiança nos media e nas instituições e para a polarização do espaço público. Este artigo analisa os principais desafios associados à desinformação e à pós-verdade na sociedade contemporânea, refletindo sobre os seus impactos e sobre possíveis estratégias de mitigação. Conclui-se que o reforço da literacia digital, do pensamento crítico, da verificação de factos e da responsabilização na produção e partilha de conteúdos constitui um elemento essencial para promover uma informação mais credível e um espaço público mais informado e transparente.

Palavras-chave: Desinformação, Pós-verdade, Sobrecarga informativa, Bolhas informativas, Literacia mediática, Crise de confiança.

Abstract

Today, although we live in the information age, the abundance of available content does not necessarily translate into a more informed society. Information overload, the rapid dissemination of digital content, and the influence of algorithms make it difficult to distinguish between credible information and misinformation, fostering the emergence of phenomena such as post-truth. In this context, emotions and personal beliefs tend to override verifiable facts, contributing to increased distrust in the media and institutions and to the polarization of the public sphere. This article analyzes the main challenges associated with disinformation and post-truth in contemporary society, reflecting on their impacts and possible mitigation strategies. It concludes that strengthening digital literacy, critical thinking, fact-checking, and accountability in the production and sharing of content is an essential element for promoting more credible information and a more informed and transparent public sphere.

Keywords: Disinformation, Post-truth, Information overload, Information bubbles, Media literacy, Crisis of trust.

Introdução

A era digital revolucionou a forma como interagimos e obtemos informações, possibilitando um fluxo de dados contínuos e uma comunicação permanente. Atualmente, estamos expostos a uma quantidade massiva de informação proveniente de diversas fontes, nomeadamente de redes sociais, websites, blogs e outras aplicações digitais, que por sua vez se traduzem, ao contrário do expectável, numa maior desinformação.

Neste contexto, a exposição constante a diferentes tipos de conteúdos contribui para a crescente complexidade do ecossistema informacional. O conhecimento que é aceite num determinado momento pode ser influenciado por opiniões não verificadas, o que pode dificultar a construção de consensos e a compreensão partilhada da realidade. Todavia, o rápido desenvolvimento tecnológico, a ausência de mecanismos eficazes de controlo e o carácter instantâneo da disseminação da informação tornam este fenómeno particularmente difícil de gerir, favorecendo a circulação de desinformação e de conteúdos enganosos.

O presente artigo procura conceptualizar o fenómeno contemporâneo da desinformação, e refletir sobre os consequentes desafios inerentes ao mundo digital. Por existir uma necessidade de resposta a estas dificuldades, estas dinâmicas assumem uma importância significativa e urgente, ao contribuírem para a sobrecarga de informação digital, colocando em causa a fidedignidade da informação final que chega ao cidadão e, por exemplo, tornarem-se em última instância combustível para a propagação de discursos populistas.

Desinformação e pós-verdade

Desinformação, *misinformation*, *malinformation*, *fake news* e pós-verdade

De acordo com Commons Librarian (2024), o ecossistema informacional digital é caracterizado pela circulação de diferentes tipos de conteúdo, que variam quanto à sua veracidade e à intenção associada à sua produção e disseminação. Neste contexto, é fundamental distinguir três conceitos cruciais: *misinformation*, *disinformation* e *malinformation*.

A *misinformation* refere-se à informação falsa que é partilhada sem intenção de causar dano. Já a *disinformation* corresponde à informação deliberadamente falsa, criada com o objetivo de enganar, manipular ou prejudicar indivíduos, organizações ou sociedades. Por sua vez, a *malinformation* diz respeito à informação verdadeira, mas utilizada de forma descontextualizada ou distorcida com o intuito de causar dano (Commons Librarian, 2024; Vilhena et al., 2024).

Associado a estas formas de distorção informativa encontra-se o conceito de *fake news*, amplamente utilizado no discurso mediático e público para designar conteúdos falsos apresentados como notícias. Contudo, este termo tende a simplificar um fenómeno mais complexo, que envolve diferentes níveis de manipulação da informação, intencionalidade e impacto social.

Neste enquadramento, emerge o conceito de pós-verdade, entendido como um contexto em que os factos objetivos deixam de ter primazia na formação da opinião pública, sendo substituídos por crenças pessoais, identidades e respostas emocionais. Segundo McIntyre (2018), a pós-verdade não implica a inexistência de factos, mas sim a sua perda de influência na esfera pública, onde emoções e narrativas pessoais passam a ter maior peso na construção da realidade social.

Sobrecarga informativa e ecossistema digital

A expansão do ambiente digital e o aumento exponencial da produção e circulação de conteúdos têm contribuído para o fenómeno da sobrecarga informativa. De acordo com Arnold et al. (2023), este fenómeno ocorre quando os indivíduos são expostos a volumes excessivos de informação, o que aumenta o esforço cognitivo necessário para selecionar, processar e avaliar conteúdos, podendo comprometer a qualidade da tomada de decisão.

Neste cenário, embora o acesso à informação seja mais amplo do que em qualquer outro momento, isso não se traduz necessariamente num maior nível de esclarecimento público. Pelo contrário, a dificuldade em distinguir informação credível de informação falsa torna-se mais acentuada, sobretudo num ambiente em que algoritmos influenciam fortemente a visibilidade dos conteúdos.

Algoritmos, bolhas epistémicas e câmaras de eco

As plataformas digitais recorrem a sistemas algorítmicos que privilegiam conteúdos com maior potencial de interação, frequentemente associados a estímulos emocionais. Este modelo de funcionamento pode contribuir para a amplificação de conteúdos polarizadores e, em alguns casos, desinformativos (Milli et al., 2025).

Neste contexto, surgem dinâmicas de exposição seletiva e homofilia informativa que favorecem a criação de ambientes informacionais fechados. Nguyen (2020) distingue dois conceitos fundamentais: *bolhas epistémicas*, onde determinados pontos de vista relevantes estão ausentes da exposição do indivíduo, e *câmaras de eco*, onde vozes externas são ativamente desacreditadas, reforçando crenças internas.

Esta distinção é aprofundada por Turner (2025), que analisa estes fenómenos no contexto digital contemporâneo, destacando que a abertura a perspetivas alternativas depende tanto das dinâmicas das plataformas como da predisposição individual para o pensamento crítico.

Estudos empíricos demonstram ainda que o grau de formação de câmaras de eco varia entre plataformas e depende das interações entre utilizadores, padrões de consumo e mecanismos algorítmicos de recomendação (Cinelli et al., 2021).

Desinformação e impacto social

A disseminação de desinformação tem vindo a afetar a credibilidade das instituições mediáticas e o funcionamento do espaço público. Este fenómeno torna-se particularmente relevante em contextos políticos e sociais marcados por elevada polarização e baixa literacia mediática.

Segundo o *Reuters Institute Digital News Report*, observa-se uma erosão gradual da confiança nas notícias e uma crescente dependência de plataformas digitais para o consumo informativo, o que intensifica a exposição a conteúdos não verificados (Global Investigative Journalism Network, 2025).

Neste contexto, para além das estratégias de literacia mediática, a literatura destaca abordagens preventivas como o *prebunking* ou inoculação psicológica. Segundo Roozenbeek e van der Linden (2019), a exposição dos indivíduos a técnicas comuns de manipulação informativa através de formatos interativos, como jogos educativos, pode aumentar a resistência à desinformação, permitindo que os utilizadores reconheçam conteúdos enganosos antes da sua exposição efetiva.

De forma complementar, estudos mais recentes reforçam a eficácia de estratégias de inoculação psicológica na mitigação da desinformação. Roozenbeek et al. (2022) demonstram que campanhas de inoculação em redes sociais podem aumentar significativamente a resiliência dos utilizadores perante técnicas de manipulação

informativa, contribuindo para uma maior capacidade de identificação e resistência à desinformação em ambientes digitais.

Desafios da era informacional

Viver no século XXI significa ter tudo à distância de um clique, o que implica problemáticas no que diz respeito à inundação de informação, o que nos faz perder a capacidade de distinguir o que realmente importa, e é neste cenário que a desinformação se espalha, integrando-se na nossa rotina de forma subtil. Claro está que este fenómeno não surge sem precedente, emerge da rapidez tecnológica e da forma como nos comportamos em sociedade, algo que precisa de ser investigado.

A quantidade enorme de informação existente, bem como a velocidade com que a mesma é difundida, leva a uma sobrecarga informativa que assume cada vez mais uma relevância nos dias de hoje, aumentando, dessa forma, a dificuldade em seleccionar o que é fidedigno e relevante. Acresce que, a descridibilização dos meios de comunicação digitais, nomeadamente no que concerne à origem das fontes e à identificação do contexto, contribuiu para agravar a situação em que nos encontramos atualmente, acrescentando a tal, o papel dos algoritmos que, como é sabido, privilegiam conteúdos mais chamativos, emocionais, polémicos ou sensacionalistas, originando um aumento do ruído em detrimento de fontes rigorosas e devidamente validadas.

Um dos estudos mais significativos relativamente a este fenómeno, realizado por Vosoughi et al. (2018), verificaram que existiram cerca de 126.000 notícias falsas no Twitter (atual X), o que evidencia a rápida disseminação e ampla propagação das *fake news*, quando comparadas com notícias verdadeiras. Do mesmo modo, os autores concluem que as notícias falsas têm uma maior probabilidade de serem partilhadas face às verdadeiras, cerca de 70%, atingindo dessa forma um maior número de utilizadores num curto espaço de tempo. Sobre tal facto é importante salientar que este padrão de disseminação, não se deve unicamente à ação de *bots*, desde logo porque as pessoas partilham mais rapidamente conteúdos mais virais, emocionais e recentes, potenciando, dessa forma, o contágio digital.

Acresce que, a inexistência de controlo e validação da informação que é difundida, especialmente nas redes sociais, leva a que a mesma seja difundida a uma velocidade que se torna incontrolável. Para agravar esta situação, surge ainda a intervenção do algoritmo com recomendações pré-definidas e conteúdos alinhados com preferências prévias dos utilizadores, dando origem a “bolhas informativas”. O conteúdo disponibilizado limita o contacto com diferentes pontos de vista e reforça crenças e preconceitos já existentes.

Para além disso, a crise de confiança na informação e nas organizações aparece em resultado de uma constante circulação de informação não credível, que inevitavelmente contribui para uma progressiva perda de confiança nas instituições, nos meios de comunicação e nas organizações.

Relatórios internacionais, como o *Digital News Report 2025* do Reuters Institute e do *Global Risks Report 2024* do Fórum Económico, evidenciam que, a confiança nas notícias publicadas não ultrapassa os 40% (Global investigative Journalism Network, 2025; Serrano, 2024).

A problemática que se tem vindo a estudar no presente trabalho, que se prende com a difusão da desinformação, contribui para a relativização dos factos, transformando meras opiniões em verdades absolutas, intensificando, desse modo, a polarização e fragmentação do espaço público. Esta falta de credibilidade não advém unicamente das *fake news*, mas sim do resultado da soma de todos os aspetos já abordados anteriormente, acrescentando ainda à saturação informativa, os ataques sistemáticos a instituições públicas e a crescente dúvida quanto ao que se torna suficiente para ser considerado evidência. Todos estes fatores comprometem desde logo a coesão social, mas não só. Também a capacidade de resposta a

crises, tais como pandemias, alterações climáticas, guerras, entre outras, nas quais a necessidade de compreensão e concordância com a informação prestada é essencial para o bom resultado de ações coordenadas e eficazes, fica afetada. Deste modo, a desconfiança generalizada afeta e compromete o objetivo final das políticas públicas o que dificulta a obtenção de consensos indispensáveis para ultrapassar desafios globais, acentuando, dessa forma, as fragilidades sociais, políticas e económicas.

Em conclusão, a quantidade excessiva de informação, aliada às *fake news*, à intervenção do algoritmo e a tendência para partilhar conteúdos de fácil absorção, contribuem para a disseminação de informação distorcida, ou mesmo falaciosa, fragilizando os media e demais instituições.

Discussão

Analisando os desafios associados à era da desinformação e da pós-verdade, verifica-se que a difusão de informação credível enfrenta obstáculos significativos no ecossistema digital contemporâneo (Commons Librarian, 2024; McIntyre, 2018). Entre estes destacam-se a sobrecarga informativa, a disseminação da desinformação e, por último, a desconfiança na informação publicada e nas organizações.

No sentido de minimizar o excesso ou sobrecarga de informação que atualmente se consome, devem ser adotadas algumas estratégias, nomeadamente a adoção de práticas conscientes de seleção criteriosa dos conteúdos, bem como a organização e síntese dos mesmos. Tais medidas reduzem o ruído na comunicação e evitam a disseminação excessiva de dados, priorizando a clareza, a relevância e o enquadramento da mensagem. Deste modo pretende-se facilitar a compreensão e a tomada de decisão, diminuindo o esforço cognitivo exigido ao consumidor e contribuindo para uma comunicação mais credível e eficaz (Arnold et al., 2023).

A evolução da qualidade, veracidade e clareza dos conteúdos produzidos, bem como o alinhamento dos mesmos com os valores éticos e morais exigíveis, permite não só captar audiência, assim como fidelizar a mesma a longo prazo, reduzindo a saturação informativa e a dispersão de mensagens. Contudo, importa salientar que a eficácia destas estratégias depende também das dinâmicas próprias das plataformas digitais, frequentemente orientadas para maximização de *engagement*, o que pode contrariar práticas de comunicação mais rigorosas (Milli et al., 2025).

No sentido de combater a disseminação da desinformação, devem ser adotados, previamente à sua divulgação, mecanismos de *fact-checking*, assim como a verificação rigorosa da veracidade das informações, a citação de fontes credíveis e a validação da origem dos dados, devendo ser corrigidos todos os conteúdos que se revelem errados. Contudo, a literatura evidencia que estas estratégias tendem a ser essencialmente reativas, o que limita a sua eficácia perante a velocidade de propagação da desinformação nos meios digitais (Rozenbeek et al., 2022).

Revela-se igualmente fundamental promover a literacia digital, nomeadamente através de campanhas de sensibilização, que habilitem as pessoas a identificar sinais de desinformação, evitando, através da identificação precoce, a disseminação de conteúdos não verdadeiros, o que torna mais confiável e transparente a informação publicada, contribuindo assim para uma recuperação da credibilidade. Estudos demonstram que intervenções de literacia mediática podem melhorar significativamente a capacidade de distinguir entre notícias verdadeiras e falsas (Guess et al., 2020). Assim, apesar da sua relevância, a literacia mediática não constitui uma solução suficiente por si só, uma vez que a eficácia destas intervenções depende também da predisposição dos indivíduos para questionar crenças pré-existentes e da sua exposição contínua a ambientes informacionais diversificados.

É ainda de salientar o papel importante da responsabilização individual e coletiva em todo o processo, nomeadamente na recuperação da confiança e transparência. No entanto, esta responsabilização deve ser analisada de forma mais ampla, considerando também o papel estrutural das plataformas digitais, cujos sistemas algorítmicos influenciam a visibilidade e circulação da informação, contribuindo frequentemente para a amplificação de conteúdos polarizadores e emocionalmente carregados (Cinelli et al., 2021; Milli et al., 2025).

Desta forma, a responsabilidade no combate à desinformação deve ser entendida como partilhada entre indivíduos, instituições mediáticas e plataformas digitais. A transparência na origem da informação, a correção de erros e a distinção clara entre factos e opiniões constituem práticas fundamentais, embora insuficientes quando não acompanhadas por uma abordagem sistémica que considere o papel das infraestruturas digitais na circulação da informação.

Apesar da relevância destas estratégias, nenhuma delas se revela suficiente de forma isolada. A natureza complexa da desinformação exige uma abordagem integrada que combine literacia mediática, mecanismos de verificação, transparência institucional e maior responsabilização das plataformas digitais

Conclusão

Em síntese, importa salientar que a desinformação nos meios digitais não se prende unicamente com a circulação de *fake news*, mas também com a forma como o conhecimento é transmitido, recebido, validado e partilhado nos dias de hoje pela sociedade.

Numa época caracterizada pela facilidade, rapidez e enorme quantidade de informação, bem como pela existência dos algoritmos, a distinção entre factos, opiniões e manipulações torna-se mais difícil, comprometendo a qualidade do debate público e a estabilidade dos consensos sociais.

Face ao exposto, verifica-se que, como resultado da pós-verdade, assistimos a uma transformação na hierarquia da informação, em que a emoção pode prevalecer sobre os factos, originando polarização do discurso e enfraquecimento da confiança. A manutenção desta problemática reforça a importância da adoção de medidas sustentadas, baseadas na literacia individual e coletiva, na transparência da comunicação e na responsabilização institucional, com o objetivo de recuperar a credibilidade da informação e proteger o espaço público.

Deste modo, mais do que uma análise e combate casuístico, importa alterar as condições que potenciam a disseminação da desinformação e que influenciam a capacidade de análise, crítica e distinção entre o certo e o errado, dando maior relevância à verificação dos factos em oposição à predominância de emoções e sentimentos.

Esta capacitação individual e coletiva contribui para a autonomia do indivíduo, reduzindo a influência de narrativas apelativas, e colaborando para a reconstrução de relações informacionais mais seguras e fiáveis, baseadas em princípios de verificação e diálogo, e que promovem um avanço digital mais orientado para o bem comum.

Declaração de uso de IA

Durante a elaboração deste artigo, a autora utilizou a ferramenta *Perplexity* para reestruturação do texto e aperfeiçoamento gramatical. Todo o conteúdo gerado foi submetido a uma análise crítica, sendo revisto, validado e complementado pela autora, garantindo o seu rigor conceptual e a sua conformidade com princípios éticos e científicos.

Referências

- Arnold, M., Goldschmitt, M., & Rigotti, T. (2023). Dealing with information overload: A comprehensive review. *Frontiers in Psychology*, 14, 1122200. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1122200>
- Cinelli, M., De Francisci Morales, G., Galeazzi, A., Quattrociocchi, W., & Starnini, M. (2021). The echo chamber effect on social media. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 118(9), e2023301118. <https://doi.org/10.1073/pnas.2023301118>
- Commons Librarian. (2024, 25 de setembro). *Disinformation vs misinformation: Definitions & types*. Commons Library. <https://commonslibrary.org/disinformation-vs-misinformation-definitions-types/>
- Global Investigative Journalism Network (2025, July 10). *2025 Reuters Institute Digital News Report: Eroding public trust, growing misinformation threats, and investigative journalism's appeal*. <https://gijn.org/stories/2025-reuters-institute-digital-news-report>
- Guess, A. M., Lerner, M., Lyons, B., Montgomery, J. M., Nyhan, B., Reifler, J., & Sircar, N. (2020). A digital media literacy intervention increases discernment between mainstream and false news in the United States and India. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 117(27), 15536-15545. <https://doi.org/doi:10.1073/pnas.1920498117>
- McIntyre, L. (2018). *Post-truth*. The Mit Press.
- Milli, S., Carroll, M., Wang, Y., Pandey, S., Zhao, S., & Dragan, A. D. (2025). Engagement, user satisfaction, and the amplification of divisive content on social media. *PNAS Nexus*, 4(3), pgaf062. <https://doi.org/10.1093/pnasnexus/pgaf062>
- Nguyen, C. T. (2020). Echo chambers and epistemic bubbles. *Episteme*, 17(2), 141-161. <https://doi.org/10.1017/epi.2018.32>
- Roozenbeek, J., & Van der Linden, S. (2019). Fake news game confers psychological resistance against online misinformation. *Palgrave Communications*, 5, Article 65. <https://doi.org/10.1057/s41599-019-0279-9>
- Roozenbeek, J., Van der Linden, S., Goldberg, B., Rathje, S., & Lewandowsky, S. (2022). Psychological inoculation improves resilience against misinformation on social media. *Science Advances*, 8(34), eabo6254. <https://doi.org/doi:10.1126/sciadv.abo6254>
- Serrano, J. (2024, 5 de março). *Disinformation is a threat to our trust ecosystem. Experts explain how to curb it*. World Economic Forum. <https://www.weforum.org/stories/2024/03/disinformation-trust-ecosystem-experts-curb-it/>
- Turner, C. (2025). Online echo chambers, online epistemic bubbles, and open-mindedness. *Episteme*, 22(1), 232-257. <https://doi.org/10.1017/epi.2023.52>
- Vilhena, M. de, Moreira, S. & Guedes, I. S. (2024). Fake News - Fatores de suscetibilidade e de disseminação, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 48, 11 - 29. https://isociologia.up.pt/sites/default/files/2024-08/Sociologia_V48_1.pdf
- Vosoughi, S., Roy, D., & Aral, S. (2018). The spread of true and false news online. *Science*, 359(6380), 1146–1151. <https://doi.org/10.1126/science.aap9559>